

Deus está perto

Salmo 119.145-152 (NAA)

☞ Cofe

¹⁴⁵De todo o coração eu te invoco; ouve-me, SENHOR; observe os teus decretos. ¹⁴⁶Clamo a ti; salva-me, e guardarei os teus testemunhos. ¹⁴⁷Levanto-me antes do amanhecer e clamo; na tua palavra, espero confiante. ¹⁴⁸Fico acordado nas vigílias da noite, para meditar na tua palavra. ¹⁴⁹Ouve, SENHOR, a minha voz, segundo a tua bondade; vivifica-me, segundo os teus juízos. ¹⁵⁰Aproximam-se de mim os que seguem a maldade; eles se afastam da tua lei. ¹⁵¹Tu estás perto, SENHOR, e todos os teus mandamentos são verdade. ¹⁵²Quanto aos teus testemunhos, há muito sei que os estabeleceste para sempre.

Uma manhã, em Dotã — vale fértil cercado de colinas, hoje identificado com o sítio de Tell Dothan, próximo à cidade de Jenin, no norte da Cisjordânia —, o servo do profeta Eliseu se levantou de madrugada.

Talvez ainda houvesse aquela neblina leve e fresca que costuma cobrir as manhãs da região antes de o sol subir sobre as colinas. Mas, à medida que a luz clareava, o que se revelou diante dele foi o impensável: um exército inteiro — cavalos, carros de guerra, soldados — havia cercado a cidade durante a noite. O perigo não estava distante; estava ali, visível, sufocante. “Ai, meu senhor! Que

faremos?”, ele gritou (2Rs 6.15). Tudo o que seus olhos conseguiam ver era a ameaça se aproximando.

Eliseu, porém, reagiu: “Não tenha medo, porque são mais os que estão conosco do que os que estão com eles” (2Rs 6.15). E orou apenas uma coisa: “SENHOR, peço-te que abras os olhos dele para que veja”. E os olhos do moço se abriram — para ver que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu (2Rs 6.17). O exército inimigo estava perto. Mas havia algo — Alguém — muito mais perto ainda.

É exatamente essa virada que encontramos na estrofe **Qof** do Salmo 119 (vv. 145-152). Davi também sente o inimigo se aproximando. Ele já havia mencionado seus adversários ao longo de todo o salmo — nos versos 23, 51, 69, 84, 110, 121, 134, 139 — mas agora, nesta altura final, a ameaça ganha terreno: “os que seguem a maldade... se aproximam de mim” (v. 150). Davi é preciso em suas palavras: eles chegam mais perto.

Diante disso, o homem segundo o coração de Deus não se desespera. Ele ora — com um fervor e uma disciplina que já vinham de muito antes da crise chegar. E então, no instante exato em que o perigo parece mais próximo, ele declara: “Tu estás perto, SENHOR” (v. 151). A mesma palavra usada para o inimigo é agora aplicada a Deus. Sim, eles se aproximam — MAS Tu, Senhor, estás ainda mais perto.

Nesta noite, oro para que os nossos olhos também se abram diante dessa mesma verdade. Que ela deixe de ser apenas uma frase bonita e se torne o chão sob os nossos pés: Deus está perto. Mais perto do que aqueles que te machucam. Mais perto do que a velhice que chegou, silenciosa, e foi tomando o corpo que você conhecia. Mais perto do que a solidão que se instalou na casa vazia, nas cadeiras que sobraram à mesa. Mais perto do que a doença que cravou em você as suas unhas e não quer soltar.

Como chegaremos a essa certeza esta noite? Seguindo o caminho que o próprio salmista percorreu. **PRIMEIRO**, veremos como Davi buscou a Deus com fervor e disciplina — um clamor de todo o coração, sustentado por uma prática constante de oração e meditação (vv. 145-148). **DEPOIS**, veremos onde ele apoiou essa busca — não em seu próprio mérito, mas na bondade de Deus e na certeza de sua palavra (v. 149). **E, POR FIM**, veremos como essa confiança resistiu ao teste do perigo real, quando o inimigo se aproximou — e o salmista descobriu, mais uma vez, que Deus estava ainda mais perto (vv. 150-152).

1. Davi buscou a Deus com fervor e disciplina

¹⁴⁵De todo o coração eu te invoco; ouve-me, SENHOR; ob-servo os teus decretos. ¹⁴⁶Clamo a ti; salva-me, e guardarei os teus testemunhos. ¹⁴⁷Levanto-me antes do amanhecer e clamo; na tua palavra, espero confiante. ¹⁴⁸Fico acordado nas vigílias da noite, para meditar na tua palavra.

Antes de Davi dizer qualquer coisa sobre o perigo que se aproximava, ele já havia dito tudo isso que acabamos de ler sobre a sua oração. **NOTE A ORDEM:** o inimigo só aparece no versículo 150. Os quatro primeiros versos desta estrofe não falam de ameaça nenhuma — falam de um homem que já ora, já busca, já se disciplina, muito antes de a crise chegar. Isso não é acidente. É o retrato de uma vida de oração que não nasceu da emergência, mas que a emergência apenas revelou.

Um clamor de todo o coração. Davi começa dizendo: “De todo o coração eu te invoco” (v. 145). Ele não está apenas movendo os lábios. Matthew Henry observa que a oração só é aceitável na medida em que o coração a acompanha — “labor dos lábios” sem envolvimento do coração, é trabalho perdido. Davi não está recitando; está clamando com tudo o que é — com todo o seu ser. E o verbo se repete no versículo seguinte: “Clamo a ti; salva-me” (v.

146). Não é uma oração morna, comedida, elegante. É o grito de quem sabe que precisa e não tem vergonha de precisar — e pedir.

Mas repare também no que acompanha cada um desses clamores: “observo os teus decretos” (v. 145b); “guardarei os teus testemunhos” (v. 146b). Davi não separa o pedir do obedecer.

Esse propósito de guardar os decretos funciona aqui como súplica humilde: “salva-me de meus pecados, de minhas transgressões, de minhas tentações, de todos os obstáculos em meu caminho, para que eu guarde os teus testemunhos.” Não é um cheque em branco — “Senhor, me salva, e depois eu vejo o que faço com isso.” É antes o reconhecimento de que, se desviarmos os ouvidos de ouvir a lei, nossas orações serão abomináveis (Pv 28.9). Por isso Davi amarra o pedido ao compromisso: a súplica só é honesta se vier acompanhada da disposição de obedecer.

Alguém mais desconfiado poderia pensar que isso é barganha — “faça isso por mim, e eu farei aquilo por ti.” Mas há algo que desfaz essa suspeita: Davi não clama por salvação apenas para ter alívio e conforto, mas para ter oportunidade de servir a Deus com mais alegria. O propósito de obedecer não é o preço que Davi paga pela resposta; é o próprio motivo pelo qual ele deseja ser salvo. Os versos 145 e 146, lidos juntos, revelam “confiar e obedecer, orar e obedecer” como uma combinação que honra a Deus.

Quem ora de verdade não busca apenas alívio; busca a Deus mesmo, e por isso já se dispõe a andar no caminho dele antes mesmo de receber a resposta.

Uma busca disciplinada. Depois do fervor, vem a constância — e é aqui que a estrofe se torna especialmente concreta. Davi não ora apenas quando sente vontade, ou quando a dor aperta. Ele diz: “Levanto-me antes do amanhecer e clamo” (v. 147). Calvino nota que o termo hebraico usado aqui se refere à luz incerta que precede o nascer do sol — exatamente aquele instante entre a escuridão e a

manhã plena. Davi antecipa esse momento. Ele não espera o dia começar para procurar a Deus; ele começa o dia já buscando.

E não é só de manhã. “Fico acordado nas vigílias da noite, para meditar na tua palavra” (v. 148). Os hebreus dividiam a noite em vigílias de várias horas cada — e Davi diz que seus olhos anteciparam essas vigílias, ficou desperto antes mesmo delas começarem, para meditar. Esse é o exemplo de um homem que “redime o tempo” — que prefere tirar do próprio sono do que deixar de buscar a Deus. Não porque Davi tivesse pouca necessidade de descanso, mas porque havia algo que ele estimava mais do que o próprio repouso: a palavra de Deus.

Vale a pena parar aqui e perguntar: **o que significa, de fato, “meditar”?** Não é simplesmente ler um texto e seguir adiante. James Montgomery Boice explica que a meditação bíblica é internalizar de tal forma a Palavra que ela passe a moldar como pensamos — e, por consequência, como agimos. Não é acumular informação; é deixar a verdade descer da mente para as decisões, para os afetos, para a vida inteira.

Foi isso que Deus ordenou a Josué, ao entregar-lhe a liderança do povo: “Não cesse de falar deste Livro da Lei; pelo contrário, medite nele dia e noite, para que você tenha o cuidado de fazer segundo tudo o que nele está escrito” (Js 1.8) — e a promessa que acompanha essa meditação é a mesma que buscamos aqui: prosperidade e sucesso em nosso crescimento espiritual, não pela força própria, mas pela proximidade de Deus, sustentada pela Palavra.

Talvez você ouça isso tudo e pense: “minha vida de oração está longe disso!” Talvez a oração para você tenha virado rotina apressada, palavras repetidas sem clamor, sem madrugada, sem vigília. Eu entendo — porque também conheço essa luta.

Mas note bem: Davi não estava mais perto de Deus porque orava mais horas ou porque acordava mais cedo. A disciplina não

compra a proximidade de Deus. Ela é, antes, a resposta natural de quem já sabe — ou está aprendendo a saber — que essa proximidade existe e vale a pena ser buscada com tudo o que se é. É isso que veremos com ainda mais clareza no próximo ponto: por que Davi tinha tanta confiança em orar assim. A resposta não está nele. Está em quem ele buscava — a mesma consciência da presença de Deus que Eliseu pediu que seu moço também tivesse, ao orar: “abra os olhos dele para que veja”.

2. Davi apoiou sua busca na bondade de Deus, não em seu próprio mérito

Chegamos ao verso que sustenta tudo o que vimos até aqui.

¹⁴⁹Ouve, SENHOR, a minha voz, segundo a tua bondade; vivifica-me, segundo os teus juízos.

Por que Davi tinha tanta liberdade para clamar de todo o coração? Por que ele se levantava antes do amanhecer e ficava acordado nas vigílias da noite, sem se cansar de buscar a Deus? A resposta está neste único versículo, e ela é surpreendentemente simples: **Davi não pedia com base no que havia feito. Ele pedia com base em quem Deus é.**

Repare como o verso está construído. Não é “ouve-me, porque eu mereço” ou “ouve-me, porque tenho orado bastante.” É: “Ouve, SENHOR, a minha voz, **segundo a tua bondade.**” Calvino é enfático neste ponto: seja qual for a bênção que os santos peçam em oração, seu argumento sincero deve ser sempre a graça soberana e imerecida de Deus — nunca o próprio mérito.

Isso significa que a mesma disciplina fervorosa que vimos no ponto anterior — a madrugada, as vigílias, a meditação — não é o que dá a Davi acesso a Deus. É o contrário: é porque já sabe que tem acesso a Deus, pela bondade de Deus mesmo, que Davi se dispõe a buscar com tanto fervor.

Isso muda tudo. Se a proximidade de Deus dependesse do quanto oramos, seria uma notícia terrível para qualquer um de nós — porque nossa oração sempre será, em algum grau, imperfeita, irregular, morna nos dias maus e até escassa. Mas Davi não está construindo uma escada até Deus com sua própria disciplina espiritual. Ele está descansando numa bondade que já existia antes de ele sequer abrir a boca.

E a segunda parte do verso 149 confirma isso: “vivifica-me, segundo os teus juízos.” Calvino explica que aqui “juízos” aponta para a palavra revelada de Deus — é nela que Deus tem manifestado sua bondade, e é dela, portanto, que devemos extrair a certeza dessa bondade. Não é uma bondade abstrata, sentimental, que cada um imagina à sua maneira. É uma bondade ancorada em promessas específicas, que Deus mesmo se comprometeu a cumprir.

NOTE BEM: Quando Davi pede para ser “vivificado”, ele está reconhecendo algo profundamente honesto sobre si mesmo: mesmo em meio à vida, ele está, de certa forma, morto — carente, dependente, incapaz de se sustentar por si só — a menos que seja sustentado pelo poder de Deus a cada momento.

Talvez seja esse o ponto mais importante desta mensagem. A vida de oração fervorosa e disciplinada que vimos no ponto anterior *não* é a causa da proximidade de Deus — ela é a consequência de uma consciência: a consciência de que Deus já está presente, já é bom, já prometeu cuidar, antes mesmo de qualquer madrugada, qualquer vigília, qualquer mérito nosso.

Quem entende isso não ora para conquistar a atenção de Deus. Ora porque já sabe que a tem. E é exatamente essa certeza — mais do que qualquer disciplina espiritual — que sustenta um coração diante do perigo, da doença, da solidão, da velhice. Não é a nossa fidelidade a Deus que nos aproxima dele. É a fidelidade dele, revelada em sua Palavra, que nos dá liberdade — e coragem — para clamar de todo o coração, como Davi clamou.

3. O inimigo chegou perto — e Davi viu que Deus estava ainda mais perto

Chegamos ao momento em que tudo o que vimos até agora — o fervor, a disciplina, a confiança na bondade de Deus — é posto à prova. Não é mais teoria. É o instante em que o perigo, que rondava silenciosamente o fundo da estrofe, finalmente aparece com nome e rosto. E será aqui, exatamente aqui, que descobriremos se a bondade de Deus e a verdade de sua palavra realmente sustentam alguém debaixo de ameaça real.

¹⁵⁰Aproximam-se de mim os que seguem a maldade; eles se afastam da tua lei. ¹⁵¹Tu estás perto, SENHOR, e todos os teus mandamentos são verdade. ¹⁵²Quanto aos teus testemunhos, há muito sei que os estabeleceste para sempre.

Três movimentos rápidos, quase entrecortados, resumem a virada inteira desta estrofe: o perigo que se aproxima, a certeza que se tem, a experiência que confirma. Vamos a cada um deles.

A ameaça que se aproxima. “Aproximam-se de mim os que seguem a maldade” (v. 150). Não é a primeira vez, nesta longa oração, que Davi menciona seus adversários — ele já o fez muitas vezes ao longo do salmo. Mas aqui a linguagem é mais física, mais imediata: eles se aproximam, chegam mais perto do que estavam — ganhando terreno, como quem já está sobre os calcanhares de sua presa. Não é exagero dizer que Davi se sentia como alguém a um passo da morte.

E há uma segunda observação, ainda mais importante: esses perseguidores **“se afastam da tua lei”** (v. 150b). Sua proximidade física de Davi tem uma explicação espiritual — eles estão distantes de Deus. É sempre assim: os perseguidores do povo de Deus costumam ser, precisamente, aqueles que desprezam o próprio Deus. Não é coincidência que a maldade se aproxime de nós justamente por meio de pessoas, circunstâncias ou vozes que já se afastaram da verdade. O perigo que ronda a nossa vida quase sempre carrega

essa mesma marca: ele se aproxima de nós exatamente na medida em que se afasta de Deus.

Talvez esta noite você reconheça esse mesmo movimento em sua própria vida. Talvez não sejam perseguidores literais — mas há ameaças que se aproximam de você da mesma forma: uma notícia médica que você tanto temia receber agora está no seu calcanhar; uma solidão que já não é mais visita ocasional, mas hóspede fixa; uma tentação que já não bate à porta de longe, mas já está dentro de casa. O texto não minimiza isso. Davi não finge que o perigo é pequeno. Ele o nomeia com precisão: eles se aproximam.

A resposta que muda tudo. E é exatamente aqui, no ponto de maior tensão, que vem a virada da estrofe inteira — talvez a virada de todo o salmo. **“Tu estás perto, SENHOR”** (v. 151). Em hebraico, é a mesma raiz, o mesmo movimento verbal do versículo anterior. Os inimigos se aproximam — **mas Deus já está perto**. Não é uma promessa de que Deus virá; é a declaração de que ele já está lá. Davi não está pedindo que Deus se aproxime como quem pede socorro a alguém distante. Ele está reconhecendo uma realidade presente: por mais perto que o inimigo chegue, ele nunca ultrapassa a proximidade de Deus.

Charles Spurgeon, comentando este mesmo versículo, observou algo precioso: “Deus não ordena mentira, nem mente em seus mandamentos — e, se todos os mandamentos de Deus são verdade, então quem se mantém fiel a eles se manterá também perto do próprio Deus. Deus está perto, e Deus é verdadeiro; por isso, o seu povo está seguro.”

É exatamente essa a cena que vimos em Dotã, não é mesmo? O exército arameu havia cercado a cidade — visível, real, sufocante. Mas quando os olhos do servo de Eliseu se abriram, ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo **ao redor de Eliseu**. O inimigo cercava a cidade; mas Deus cercava o profeta. A proximidade do perigo nunca foi, de fato, a realidade mais próxima.

Era a segunda mais próxima. E é exatamente isso que Davi está dizendo aqui: sim, eles se aproximam — mas Tu, Senhor, já estás mais perto.

Note também a segunda metade do verso 151: **“todos os teus mandamentos são verdade.”** Não é apenas presença; é presença confiável. Um Deus que estivesse perto, mas cuja palavra pudesse falhar, não traria consolo algum. Mas o texto une as duas coisas: proximidade e verdade. Deus está perto, e tudo o que ele prometeu se cumprirá. Os inimigos podem se aproximar fisicamente, mas jamais poderão desfazer o que Deus estabeleceu.

A confirmação de uma vida inteira. E então Davi fecha a estrofe com uma frase que muda o tom de toda a súplica: **“Quanto aos teus testemunhos, há muito sei que os estabeleceste para sempre”** (v. 152). Este não é o primeiro dia em que Davi confia em Deus. Ele já sabe disso — “há muito”.

Meus irmãos, os testemunhos de Deus podem ser antigos, estabelecidos há muito tempo, mas isso não os torna obsoletos; ao contrário, é precisamente a antiguidade dessa promessa que garante sua validade eterna. O que Deus disse há muito ainda é verdade hoje, e continuará sendo amanhã.

Essa não é uma fé inventada no calor da crise. É uma convicção que já foi testada — pela própria vida de Davi, pelas gerações que vieram antes dele, por tudo o que ele já experimentou de Deus antes mesmo de este perigo se aproximar. É por isso que ele consegue dizer “Tu estás perto” com tanta firmeza no momento exato em que o inimigo também está perto: porque essa não é uma esperança nova, fabricada para a emergência. É uma certeza antiga, apenas confirmada mais uma vez.

E é aqui que a estrofe **Qof** nos alcança com mais força esta noite. Porque a promessa que Davi conheceu em parte, nós a conhecemos em plenitude. O mesmo Deus que estava perto de Davi

prometeu, em Cristo: “De maneira alguma deixarei você, nunca jamais o abandonarei.” (Hb 13.5) — a mesma promessa dada a Josué, a mesma que sustentou Davi, agora selada para sempre na cruz e na ressurreição de Jesus.

Deus não apenas está perto — **ele se fez perto**, vestindo carne, habitando entre nós, e agora, pelo Espírito, habitando dentro de todos os que creem em seu nome. Se antes o povo de Deus podia dizer “Tu estás perto”, agora podemos dizer algo ainda mais surpreendente: “Deus está em nós.”

Por isso, quando a maldade se aproxima — em qualquer forma que ela tome esta noite na sua vida — você não está lutando para trazer Deus para perto. Você está apenas abrindo os olhos para reconhecer o que já é verdade: ele já está mais perto do que aquilo que você teme.

Abra os olhos

Chegamos ao fim da estrofe **Qof**, mas a pergunta que ela nos deixa é bem prática: como manter os olhos abertos para essa presença, dia após dia, quando o inimigo — seja ele qual for na sua vida — continuar se aproximando?

Eliseu não fez nada complicado. Ele fez uma única oração: “abre os olhos dele, para que veja.” Não pediu que o exército desaparecesse. Não pediu outra circunstância. Pediu visão. Porque o problema do moço nunca foi a ausência de Deus — foi a cegueira para o que já estava ali.

É essa mesma oração que quero deixar com vocês esta noite, e não apenas como sentimento, mas como prática: três formas simples de manter os olhos abertos para a presença de Deus, tal como Davi fez.

Primeiro, volte ao que já vimos: ore com o coração inteiro, na madrugada e na vigília. Não porque isso traga Deus para perto — ele já está —, mas porque é na oração perseverante que os nossos olhos se acostumam a enxergá-lo. Quem nunca olha para o alto não estranha viver de olhos baixos.

Segundo, volte à Palavra todos os dias, não como tarefa, mas como o lugar onde Deus revelou quem ele é. Foi ali que Davi aprendeu, “há muito”, que os testemunhos de Deus são estabelecidos para sempre. Nossa vista se treina lendo, meditando, guardando na memória aquilo que Deus já prometeu — para que, quando o perigo chegar, não seja a primeira vez que ouvimos essas palavras.

Terceiro, quando a ameaça se aproximar, nomeie-a — e depois nomeie Aquele que está mais perto ainda. Davi não fingiu que o perigo era pequeno. Ele o disse com precisão: “eles se aproximam.” Mas na frase seguinte, ele disse, com a mesma precisão: “Tu estás perto.” Aprenda a fazer as duas coisas juntas — reconhecer o que teme, e declarar, no mesmo fôlego, quem já está ali.

Porque não há hora do dia, nem noite tão longa, nem inimigo tão próximo, que consiga separar você da presença Jesus Cristo — que prometeu estar com você todos os dias até o fim dos tempos. Abra os olhos. Deus está perto.

O missionário escocês **John Paton** conheceu bem essa verdade. Serviu por anos entre povos que praticavam o canibalismo nas Ilhas Novas Hébridas, no Pacífico Sul, e viu colegas fiéis serem mortos ao seu redor, e a própria esposa e o filho recém-nascido morrerem pouco depois de chegar ao campo missionário.

Certa vez, cerca de mil e quinhentos nativos armados saíram à sua caça, e ele precisou subir numa árvore para escapar, ouvindo os passos dos que queriam matá-lo logo abaixo. Foi ali, escondido, que ele se apoiou com todo o seu peso na promessa de Cristo em Mateus 28.20 — a mesma promessa que ecoa, séculos antes, no

versículo 151 do nosso salmo. Anos depois, refletindo sobre aquela hora, Paton escreveu:

Sem aquela consciência permanente da presença e do poder do meu querido Senhor e Salvador, nada mais no mundo poderia ter-me preservado de perder a razão e perecer miseravelmente.

Abra os olhos. Deus está perto.

S.D.G. L.B.Peixoto.